

APRESENTAÇÃO

É preciso tomar o desejo ao pé da letra.

Jacques Lacan

A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA, na condição de trabalho permanentemente renovável, solicita a escrita. Uma escrita que responda a um momento de concluir, o qual, por sua vez, corresponda à parcialidade de um caminho percorrido. Conceber a escrita de um trabalho como algo parcial e necessariamente incompleto correlaciona-se à premissa de que o saber é suposto pelo sujeito do inconsciente e, portanto, *não todo*. Tal fato permite a construção de um estilo, sustentado na diferença.

A palavra estilo provém do latim *stilus* (estilete), nome de uma punção, feita, entre outros materiais, de ferro, com que se escrevia antigamente e que, depois, passou a designar a própria escrita. O estilo, assim, é simultaneamente o instrumento que risca e o resultado do traço que se inscreve, deixando uma marca. O que se transmite e se endereça ao Outro. Nesse sentido, pode-se dizer que o sujeito estila o objeto *a* (Porge, 2009), apropriando-se dos significantes que marcam sua jornada.

A Escola, de sua parte, deve sustentar uma *prática teorizada* que mantenha viva a experiência do inconsciente e que, longe de unificar os discursos, fomente a diversidade conforme o percurso de cada um em seu estudo e em sua prática clínica. Tal perspectiva tem como fundamento não apenas o fato de que existe um real presente na formação do psicanalista (Lacan, 1967), mas também de que esta deve ter a mesma estrutura das formações do inconsciente (Lacan, 1975).

Os artigos aqui reunidos, alguns dos quais preliminarmente apresentados no II Encontro Nacional do Corpo Freudiano, ocorrido de 14 a 16 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro e cujo tema foi “A neurose em análise: histeria, obsessão, fobia”, revelam a singularidade do traço e de diferentes momentos do percurso em torno da questão da estrutura, da *letra* do sintoma e dos destinos da angústia que se apresentam tanto na clínica quanto nas artes e na cultura.

Freud revela que os sintomas são, essencialmente, uma satisfação sexual substitutiva, deformada, irreconhecível, devido à ação da censura que promove deslocamentos. Formação do inconsciente, expressão do recalçado. O sintoma, em síntese, tem um sentido (Freud, 1917). Lugar paradoxal de satisfação e sofrimento que aponta para o real traumático inapreensível, o sintoma, efeito do retorno do recalçado, é para o eu “território estrangeiro” e também representante do recalçado (Freud, 1933). Essa dupla via revela a presença indireta de uma satisfação pulsional, geradora de desprazer e renovadora da experiência da angústia, a qual põe em movimento o recalque e a formação de sintomas, devendo ser atravessada numa análise.

Com Lacan, à luz da perspectiva da linguagem, o sintoma é definido como “o significante de um significado recalçado da consciência do sujeito. Símbolo escrito na areia da carne e no véu de Maia, ele participa da linguagem” (Lacan, 1953: 282) e diz respeito à irrupção de uma verdade. O fato é que o sintoma, tal qual o inconsciente, é estruturado como uma linguagem, cuja “fala deve ser libertada” (: 270). É preciso, portanto, que o psicanalista possa ler os vestígios do significante recalçado, registro da verdade que deve ser tomado *ao pé da letra*, ou seja, determinação simbólica que é fato de sintaxe e cujos efeitos se exercem do texto para o sentido.

Ao final de seu ensino, Lacan passa a destacar aquilo que no sintoma resiste ao sentido e ao deciframento (Lacan, 1974–5; 1975–6). Nesse momento, indica que o *real* é o sentido do sintoma e considera o sintoma como função da letra, signo isolado da cadeia, cifra de gozo. O objeto *a* é o centro do sintoma-letra de gozo. Um sintoma que se faz *sin-thoma*, enlaçando os registros, costurando a realidade sustentadora do sujeito.

Inicialmente pensada a partir da linguística, suporte material do significante, a letra se confunde com a ideia de significante puro. Lacan a define como litoral, limite entre o saber e o gozo (Lacan, 1971), bem como afirma que nada permite confundir a letra com o significante, nem estabelecer uma primazia daquela em relação a este. O que se impõe é considerar “aquilo que, pela linguagem, convoca o litoral para o literal” (: 110), sendo a função da escrita abordar o que é da ordem do impossível e permitir uma reinvenção da realidade. A escrita, portanto, tomada como representação de palavras, é *segunda*, cerzida de letras, bordeando o furo no saber, o impossível de escrever.

A primeira parte desta coletânea, *Na histeria*, composta dos artigos de Denise Maurano, Sonia Leite, Ana Petros, Silvia Levy, Maria Fernanda Bumlai e Mario Eduardo Costa Pereira, testemunha a atualidade da histeria, a qual, embora excluída do discurso médico, insiste em se apresentar com novas roupagens, revirando a lógica organicista instituída. O que insiste são os

impasses diante da feminilidade. Os sintomas cujo sentido é o real apontam para um impossível que se faz corpo tanto na conversão quanto nos chamados distúrbios da linguagem. São um momento de sofrimento que, a partir do desejo do analista, podem dar lugar a uma demanda de análise. Desde o paradigmático caso Dora, as vicissitudes da transferência são a bússola de um percurso que se faz no próprio caminhar da experiência psicanalítica.

A segunda parte, *Nas obsessões e nas fobias*, inclui os textos de Marlos Terêncio, Teresinha Costa, Paola Mieli, Márcia Werneck, Evair Marques e Giancarlo Ricci, que sublinham tanto a articulação da angústia com o sintoma quanto o fato de que o sintoma tem, de fato, uma função de suplência diante do insuportável da diferença sexual. A angústia em suas relações com o desejo do Outro revela o desamparo, marca do traumatismo originário. Na neurose obsessiva, esse encontro impossível é revelado, em especial, na postergação do ato e no assujeitamento à demanda do Outro. Por outro lado, a fobia, tal como no caso Hans, revela uma resposta do sujeito que é a escrita/ inscrição dos pontos impossíveis de serem atravessados e que se revelam nas próprias linhas do espaço social. Fobia da verdade, verdade da fobia que expõe, simultaneamente, a cultura contemporânea sustentada numa política do gozo.

A terceira e última parte, *Nas artes e na cultura*, constituída pelos textos de Marcela França, Eliana Barros, Vivian Ligeiro, Tania Rivera, Márcia Smolka, Vera Fragoso e Lavínia Carvalho Brito, aborda a letra do sintoma, que é expressão do sujeito e se faz na cultura e em seus diversos campos, como a literatura e o cinema. Freud sempre exaltou a importância do *dizer* das artes para a revelação do inconsciente, ressaltando a capacidade dos poetas e dos artistas em geral de evocar em seus ouvintes o que denominou *a mais profunda e eterna natureza do homem*. A arte, por outra via, pode ser tomada também como uma das medidas paliativas fundamentais diante da angústia e do mal-estar no laço social. Assim, tais discussões compreendem uma das formas de desvelar a importância do lugar da psicanálise, que também é, como disse Lacan, sintoma da cultura.

Enfim, convidamos a todos para a leitura dos textos presentes nesta coletânea, os quais testemunham, por intermédio da escrita de psicanalistas, uma renovada aposta na importância da psicanálise.

Sonia Leite
Teresinha Costa